

# O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 8 - Nº 27

OUT/DEZ 98

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO



## A Epopéia da Igreja Matriz

Reconstituir a história da Igreja Matriz de São Domingos é o mesmo que vivenciar a luta dos vigários e o trabalho dos paroquianos do passado na sua imensa demonstração de fé. Fotografia tirada após a última reforma da igreja, 1990. Acervo CBMM. (Pág. 06)

### Quem Foi Quem

Dr. Mário de Castro Magalhães, médico crenologista, sonhou fazer de Araxá "um paraíso para repouso e descanso". Para isso, ele dedicou mais de meio século ao estudo das águas e à divulgação da Estância Hidromineral do Barreiro. (Pág. 03)

### Pesquisas em Andamento... e Resultados

Concluídas as obras de construção do Grande Hotel e das Termas foram retirados os tapumes que os cercavam. Araxá sofreu um impacto diante da monumentalidade da obra e o povo assistiu a um grande espetáculo. (Pág. 11)

# FAZENDO HISTÓRIA

## CURSO I

Educação Patrimonial - Pedagogia e Museologia. Eis o curso promovido pela Secretaria de Estado da Cultura no período de 14 a 18 de setembro, em convênio com o Ministério do Trabalho/Fundo de Amparo ao Trabalhador. Houve parceria com a Fundação Cultural Calmon Barreto através do Setor de Patrimônio Histórico e com o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Araxá. Realizado no Museu Calmon Barreto, foi ministrado pela pedagoga Aída Lúcia Ferrari.

## MAIS UMA TOCATA

Essa se deu no salão de festas do Museu Histórico de Araxá - Dona Beja, com a presença de um público que aprecia a boa música. A Tocata se realiza há oito anos em homenagem ao Maestro Elias Porfírio de Azevedo, no dia 18 de setembro, data de seu aniversário. Sua neta, pianista Maria Ângela de Azevedo Bittar, uma das idealizadoras do projeto, esteve presente, participando.

## MUSEU

No mês de outubro, fazendo parte do projeto de restauração das telas do Museu Histórico de Araxá - Dona Beja, foram ministrados cursos de Conservação Preventiva de Telas e Tratamento Preventivo de Documentos. Funcionários dos museus e pessoas interessadas contaram com os professores especializados nessas técnicas, Mário Swenson e Ricardo Tagliapietra, respectivamente.

## HUMANUS

Título da mostra da artista plástica Cynthia Rocha Verçosa, constando de pinturas mistas e em alto relevo, centradas em figuras humanas. Aconteceu durante o mês de outubro no salão de exposições temporárias do Museu Histórico de Araxá - Dona Beja.

## SEMINÁRIO DE FUNDAÇÕES

Durante os dias 29, 30 e 31 de outubro de 1998, Araxá se transformou no centro nacional de arte, cultura, turismo e meio ambiente. Esse Seminário foi uma realização conjunta do Ministério do Trabalho, Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional, Procuradoria Geral de Justiça, Ministério Público do Estado de Minas Gerais, Promotoria Especializada de Fundações de Belo Horizonte e Promotoria de Fundações de Araxá. Foram três dias de depoimentos, palestras, debates e painéis, evidenciando o importantíssimo papel das Fundações como alavanca do progresso e do

desenvolvimento social, cultural e ambiental. A pauta do Seminário visava, ainda, à possibilidade de parceria junto a outras entidades e empresas.

## CURSO II

Dinamizando cada vez mais o Museu Calmon Barreto, nos períodos de 09 a 13 e 23 a 27 de novembro, o Setor de Patrimônio Histórico fez realizar um curso sobre Marketing para Instituições Culturais, tendo como professora a psicóloga Leiza Pereira. Como complementos do Curso foram realizados, no Museu Histórico de Araxá - Dona Beja nos dias 12 e 26 de novembro, dois saraus, ocasiões em que os participantes puderam exibir seus talentos artísticos.

## CURSO III

De 14 a 18 de dezembro, no Museu Calmon Barreto, realizou-se mais um curso: Turismo Cultural, com ênfase em Atrações Turísticas e Qualidade de Atendimento. Foi ministrado pelo consultor em Recursos Humanos e Qualidade, Carlos Freire e pela historiadora Maria das Dores Freire, numa parceria da Fundação Cultural Calmon Barreto com a Secretaria de Turismo.

## ARTESANATO I

A FCCB, através da Supervisão de Artesanato, participou do Seminário de Fundações e da exposição na fábrica de Estofados Araxá com peças de sua produção: tapetes, mantas, almofadas e colchas.

## ARTESANATO II

Nos dias 26, 27 e 28 de novembro a FCCB participou, também, através da Supervisão de Artesanato, no Clube Araxá, da exposição "Mesa Típica de Natal" com toalhas e adornos confeccionados em seus teares.

## ESCOLA DE MÚSICA

A Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, neste ano, bateu o "record" em número e qualidade de apresentações pois, só nos meses de outubro e novembro realizou 15 audições.

A Banda Municipal Pe. Clóvis representou Araxá em Dores do Indaiá em outubro passado, por ocasião da festa de aniversário da cidade, levando o "som de seu afeto", segundo as palavras do Prefeito Ministro Olavo Drummond.

No mês de dezembro, a escola participou do projeto idealizado pela ACIA e Prefeitura Municipal "Cantando o Natal", com onze apresentações no Clube Brasil e na Praça da Matriz.

## Editorial

o primeiro semestre de 1997, uma pesquisa sobre o Clube Brasil (ver *O Trem da História* n° 22) reconstituiu historicamente a vida do prédio e da instituição.

Foi constatado, dentre muitos aspectos que, construído originalmente para ser o Cine-Teatro Glória, o prédio foi vendido, em 1933, ao Estado de Minas Gerais. E que, em 1938, o Estado vendeu-o ao Clube Brasil.

A mesma pesquisa afirmara a determinação de que o produto daquela venda, considerado renda eventual do município, fosse aplicado na conclusão da estrada Araxá-Catiara.

Agora, as novas pesquisas sobre a história do Complexo Turístico do Barreiro consolidam o estudo anterior sobre o prédio do Clube Brasil. Mais importante: apontam que a transação comercial entre governo mineiro, prefeitura de Araxá e clube, está inserida no conjunto das iniciativas pré-construção do novo balneário. Nesse caso, viabilizar o acesso ao Barreiro tornara-se prioridade.

A política adotada pelo governo Vargas esteve personificada, no município, na figura e na atuação do então prefeito Fausto Alvim que havia sido indicado pelo governador Benedito Valadares.

Questões como essas provam a dinâmica da história e a sua universalidade. A história do Clube Brasil, do Barreiro, assim como outras, estão, de fato, articuladas às do município, do estado e do país.

É nesse elo que *O Trem da História* se apóia para direcionar sua postura e permitir uma visão consistente da história local.

## O TREM DA HISTÓRIA EXPEDIENTE

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ  
Ministro Olavo Drummond  
PREFEITO

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO  
Lygia Cardoso Maneira  
PRESIDENTE

### SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Glaura Teixeira Nogueira Lima  
PESQUISA E TEXTO

Keyla Barbosa Machado  
Aparecida Marlúcia de Melo e Costa  
Fernanda Alves Barcelos  
COLABORAÇÃO

Elaine Denise de Oliveira  
JORNALISTA RESPONSÁVEL - DRT/DF 2089/80

Antônia Verçosa  
REVISÃO

Imagem Propaganda  
LAY-OUT e ARTE FINAL



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO  
PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - ARAXÁ - MG - CEP 38180 000  
FONE (034) 662.1033 - RAMAIS 2260, 2262, 2263 - FAX (034) 662.1262  
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ

# QUEM FOI QUEM

## DR. MÁRIO DE CASTRO MAGALHÃES

**D**e Oliveira, Minas Gerais, chegaram muitos dos primeiros moradores de Araxá, a partir das últimas décadas do século XVIII, anos setecentos.

No início do século XX, em 1904, esta cidade mineira legou-nos, também, a família Magalhães que, a convite do Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar, veio com o objetivo de fundar um colégio de ensino primário para meninas.

Antônio Chaves de Magalhães, o Capitão Chaves, sua mulher Maria José de Castro e os onze filhos do casal estiveram ligados à educação, à administração pública, à política, à medicina e a muitos empreendimentos que introduziram serviços pioneiros.

Dr. Mário de Castro Magalhães, nascido em 02 de julho de 1892, tinha doze anos quando sua família mudou-se para Araxá.

A princípio, seus pais criaram o Colégio Nossa Senhora do Carmo, cujas instalações ficavam no antigo Largo da Matriz. Depois, a irmã mais velha, Maria de Magalhães (D. Iaiá) esteve à frente da criação do Grupo Escolar Delfim Moreira e foi a sua diretora de 1911 a 1943. Nele lecionaram também suas irmãs Olga, Sílvia e Rosa.

Ele foi o oitavo filho de uma família composta, ainda, pelos irmãos: Cândida, Alice, Maria José, Antônio, Lauro e Laura (*Ver O Trem da História* n° 3).

Casou-se com Juvenília Aguiar, em 1922, e teve quatro filhos: Stella, Maria José, Beatriz e Jarbas.

### A MEDICINA

Nosso interesse pela vida de homens e mulheres do passado que abriram espaços para as gerações posteriores tem sido revelado pelo *O Trem da História*. Nossas pesquisas e publicações, ainda que sejam limitadas por questões financeiras e operacionais, fazem crescer uma admiração à medida que aprofundamos os estudos sobre a história local.

Dr. Mário de Castro Magalhães é um desses inúmeros cidadãos. Médico crenologista, ele sonhou fazer de Araxá "um paraíso para repouso e descanso", que oferecesse tratamento médico por meio das águas. Contudo, não deixou de vislumbrar os possíveis benefícios econômicos e sociais advindos dessa condição.

Assim, ele dedicou mais de meio século ao estudo das águas minerais e trabalhou para a divulgação da Estância Hidromineral do Barreiro.

### FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Depois de ter cursado o ginásio no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, lá mesmo ingressou na Faculdade de Medicina. Diplomou-se, em 1916, com tese defendida (e publicada) sobre obstetrícia. De volta a Araxá, começou a clinicar em consultório instalado no centro da cidade e logo se tornou o "primeiro médico oficial das fontes". No Barreiro, atendia os "aquáticos" durante três dias da semana, conforme indicava o anúncio



*Dr. Mário de Castro Magalhães. Década de 50. Acervo Beatriz Magalhães de Aguiar.*

veiculado no "Guia Thermal das Águas do Araxá", edição de 1920.

Ampliando sua atividade profissional e a do homem público que viria a ser, em 1919 já assinava, como responsável e sócio efetivo da Associação Brasileira de Imprensa, a Edição do "Jornal de Araxá" em sua segunda versão. O jornal, ainda que divulgasse questões gerais sobre a cidade, garantia o seu espaço como órgão de comunicação veiculado ao *Partido Ferreirista*. O mesmo jornal foi por ele editado, em 1927, dessa vez em parceria com Sebastião Gomes, Dr. Hugo de Resende Levy e Almeida de Melo. A linha editorial seguia a mesma tendência da versão anterior.

### EUROPA

Em 1925, com o interesse da profissão voltado para o aproveitamento do potencial das águas minerais e da lama, permaneceu durante oito meses na Europa. Especializou-se em gastroenterologia na Faculdade de Medicina de Paris.

Os estudos constaram, ainda, de estágios em clínicas de estâncias balneárias francesas e alemãs, cujos tratamentos pudessem também ser aplicados em Araxá.

*"Meses depois, em setembro de 1926, assumiu o Governo de Minas o Presidente Antônio Carlos. (...) Algum tempo depois, por ocasião de sua visita ao Araxá, fiz ao Presidente Antônio Carlos a exposição de minha hipótese sobre a formação da lama. Sua excelência julgou digna de atenção a sugestão, incumbindo ao Prefeito de Araxá, Dr. Mário Campos, de fazer as necessárias investigações sobre o assunto. Acurados estudos e experimentações, foram realizados, sob a orientação do engenheiro José de Carvalho Lopes, atual professor da Escola de Minas em Ouro Preto, chegaram a felizes conclusões,*

*expostas à Sociedade Mineira de Crenologia, nos quais a lama de Araxá realmente é formada por determinadas terras das adjacências das Fontes, em contato com a Água Sulfurosa, durante meses, sob a ação do ar e do sol".*

Enquanto exercia a medicina, Dr. Mário participava de congressos, no Brasil e no exterior, ministrando conferências sobre as nossas águas. Muitas vezes seus artigos eram publicados em jornais e revistas de grande circulação.

Foi, reconhecidamente, uma autoridade no assunto e chegou a ser apresentado na imprensa nacional como "uma das mais legítimas expressões de nossa ciência médica".

Na Sociedade de Medicina de São Paulo, por exemplo, proferiu, em 1931, uma palestra sobre "As Virtudes Curativas das Águas de Araxá".

Ilustrou com diversas vistas da cidade, dos seus arredores e de aspectos favoráveis ao tratamento, como a amenidade do clima, segundo ele, convidativo em qualquer época do ano.

### BARREIRO

A década de 30 foi para Araxá e para o Barreiro, após longos anos de debates e buscas de alternativas para o aparelhamento da estância, o momento em que se decidiu pela construção do Complexo Turístico.

Dr. Mário não só acompanhou esse processo mas também a ele se atribuiu considerável influência nas decisões de como explorar as riquezas naturais da terra: águas, lama, clima.

Após a inauguração das Termas, em abril de 1944, proferiu palestra na Sociedade de Biologia de Belo Horizonte. Como "médico oficial" divulgou, pela primeira vez, trabalho de sua autoria intitulado "Estância Hidromineral de Araxá e suas novas instalações".

Naquele momento altamente favorável ao termalismo, propôs-se verdadeira peregrinação como conferencista, em Sociedades Médicas, Clínicas Especializadas e Faculdades de Medicina no Brasil, na Argentina e no Uruguai.

As conferências "Las Águas de Araxá", "Estância Hidromineral de Araxá e seus novos tratamentos crenoterápicos" e "As Termas de Araxá" contaram, na ocasião, com coberturas totais da imprensa. A imagem do médico de Araxá foi estampada em manchetes e seu nome, relacionado junto a algumas das grandes personalidades artísticas e científicas brasileiras.

Nesse tempo, participou da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Araxá, foi seu presidente e esteve à frente de dois congressos médicos aqui realizados.

### HOME PÚBLICO

Dirigindo o Aero Club de Araxá, na década de 40, conforme publicação do Rotary Club local de 1957, trabalhou para obter "consideráveis recursos para melhoramentos no seu hangar, reparos nos aviões da entidade, além da doação pelo D.A.C.





**Família Mário de Castro Magalhães. Da esquerda para direita, de pé: Honorato Paiva, Stella, Beatriz, Alberto Ferreira de Aguiar (Maria Beatriz, no colo), Maria José (Antero, no colo) e Mozar Ferreira de Aguiar. Sentados: Antonio Fernando e o casal Juvenília/Dr. Mário. 15/02/1947. Acervo Beatriz Magalhães de Aguiar.**

de um avião Nies".

Trabalhou para que fosse criado aqui o Rotary Club e, por isso, seu nome consta como sócio-fundador. Em 1948 assumiu a sua presidência depois de exercer outros cargos dentro da estrutura rotária. Era sempre designado para fazer conferências em várias cidades. Rotariano convicto, chegou a visitar algumas sedes européias do clube.

Quando, em 1947, Araxá assistiu à disputa eleitoral entre os recém-criados partidos PSD (Partido Social Democrata) e UDN (União Democrática Nacional), Dr. Mário compôs a chapa vitoriosa dos "pessedistas".

O PSD local candidatou-se às eleições municipais indicando José Adolpho de Aguiar para prefeito e Dr. Mário de Castro Magalhães para vice.

Como vice-prefeito eleito assumiu, por duas vezes a prefeitura (de julho a agosto de 1948 e de março a agosto de 1950) durante licenças do titular.

No exercício do cargo, sua atenção esteve centrada na Estância do Barreiro, mas não se desvencilhou de questões essenciais como a educação, a cultura e o urbanismo.

No Congresso das Estâncias Hidrominerais do Estado, em 1948, sugeriu a formação da Sociedade Mineira de Crenologia. Isso porque defendia a idéia de um efetivo controle no uso das águas para que o seu aproveitamento trouxesse resultados, exclusivamente, benéficos.

Em 1950, durante os meses em que ocupou o cargo de prefeito, introduziu serviços importantes para a administração pública: autorizou e deu início à pavimentação de vias centrais e de acesso ao Barreiro, criou a Escola Municipal Dr. Franklin de Castro e liberou a construção da Escola Rural "Augusta de Toledo".

Por meio da lei de 26 de junho de 1950, criou a Biblioteca Pública Municipal. Mais tarde, o então prefeito Domingos Santos fez cumprir a antiga lei, instalando, em 1959, a "Sociedade de Amigos da Biblioteca Pública Municipal", com estatutos

próprios, para fortalecer a iniciativa anterior.

#### NOVOS ESTUDOS

Ao final do mandato de vice-prefeito, em 1951, retornou à Europa para atualizar seus estudos de crenologia. A sua permanência em estâncias hidrominerais da França, Itália, Alemanha e da antiga Tchecoslováquia, visava a aprimorar o atendimento das Termas de Araxá.

Embora não tivesse conseguido apoio financeiro, por parte do Município ou Estado, para realizar esses estudos, recebeu do governador Juscelino Kubitschek uma apresentação oficial junto ao então Ministério do Exterior.

Em 1953 presidiu o 2º Congresso Médico em Araxá (o primeiro foi por ele organizado em 1949), e apresentou a sugestão de se fundar o Instituto de Hidrologia e Climatologia de Minas Gerais, iniciativa atendida por J. K. O mesmo governador designou-o para integrar a comissão que elaboraria o projeto, depois transformado em lei pela Assembléia Legislativa, e sancionado nos últimos dias do seu governo.



**Solenidade na Câmara Municipal de Araxá. Da esquerda para direita: Bráulio Cardoso, Dr. Heitor Montandon, Jaime Dumont, Dr. Álvaro Cardoso, Dr. Mário de Castro Magalhães (vice-prefeito), José Adolpho de Aguiar (prefeito), José Felon Santos, Dr. Américo Autran (Juiz de Direito), Dr. José Maria de Lima Torres (promotor), Pe. Emílio Philippini (pároco). 1950. Acervo Beatriz Magalhães de Aguiar.**

A alternância do comando do Estado impediu a instalação do instituto idealizado pelo médico de Araxá.

Em moldes mais ou menos semelhantes, da formação da Hidrominas, em 1964, constava um Conselho de Climatologia e Crenoterapia. Era composto por técnicos e Dr. Mário fazia parte da equipe.

Mas o médico crenologista, durante o Congresso Médico do Triângulo Mineiro em 1963, insistia na aplicação da crenologia enquanto ciência. Defendia a idéia de que as estâncias balneárias deveriam se dedicar, prioritariamente, ao tratamento terapêutico, enquanto a atividade turística aconteceria como decorrência natural.

No mesmo Congresso dizia:

(...) "Para erigirmos a crenologia sobre as bases firmes da ciência, torna-se necessário, em primeiro lugar, fazer a aproximação dos crenólogos com os médicos da medicina em geral."

Uma de suas últimas iniciativas denota a crença na causa pela qual lutou durante toda a sua vida. Aposentado e doente, dirigiu-se ao então governador Israel Pinheiro (1966) para demonstrar sua preocupação com as questões terapêuticas e com os destinos do termalismo no Barreiro.

Para ele, na busca do incremento ao turismo, a diretriz seguida pela Hidrominas deveria contar com o trabalho de um técnico que revitalizasse a crenologia. Dr. Mário chegou a sugerir a nomeação do Prof. José de Carvalho Lopes (engenheiro hidrólogo) a quem considerava "o melhor discípulo de Andrade Júnior."

Um ano depois, em 06 de abril de 1967, Dr. Mário de Castro Magalhães faleceu. A imprensa mineira registrou a morte do "ilustre crenologista" focalizando o "luto na crenologia brasileira". O Correio de Araxá publicou artigo, de igual teor, assinado pelo Dr. Antônio de Paiva Borges, em nome da Sociedade de Medicina de Araxá.

Fontes:

Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto  
Acervo da Família Magalhães  
Biografia elaborada por Juvenília Magalhães Aguiar  
Referências Bibliográficas:  
Obras citadas, de autoria do biografado  
Guia Thermal das Águas do Araxá, 1920.



## UM INTELLECTUAL

DR. MÁRIO DE CASTRO  
MAGALHÃES

Os trabalhos produzidos e publicados por Dr. Mário de Castro Magalhães são, hoje, referência para pesquisadores que se interessam não só pelo estudo das águas como também pela história local.

Na década de 50, ele foi eleito presidente do Conselho da Biblioteca Pública Municipal e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

A versatilidade profissional que o caracterizou é, sobretudo, fruto da sua dedicação à medicina. Do médico, revelou-se o cientista, o jornalista, o pesquisador, o escritor e o conferencista.

Livros e trabalhos publicados:

\*Tese inaugural (aprovada com distinção). Sedação da Dôr no Trabalho de Parto. Apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro - cadeira de obstetrícia - em 23 de novembro de 1916. Defendida em 23 de dezembro do mesmo ano. Revista dos Tribunais. 1916.

\*Ação das Águas de Araxá sobre o Índice de Oxidase Seabra no diabetes. Trabalho premiado pela Academia Nacional de Medicina.

\*A Estância de Araxá. São Paulo: Est. Gráfica Gonçalves & Aquino, 1945.

\*A Estância Hidromineral de Araxá. Belo Horizonte: Quitandinha S. A., s/d.

\*Crenologia: contribuição para o seu estudo e o seu desenvolvimento. Conferência proferida no XII Congresso Médico do Triângulo Mineiro e Brasil Central. Uberaba, 1963.

Fonte: Acervo Beatriz Magalhães de Aguiar.

# ESTAÇÃO MEMÓRIA

## EX-PREFEITO JOÃO MASSENA

A população de Araxá vivia o impacto da estréia da Estrada de Ferro Oeste de Minas, ocorrida poucos dias antes, quando uma notícia alterou o cotidiano da cidade.

Um convite distribuído ao povo provocou imensa expectativa, tal como o apito a cada vez que esse anunciava a chegada do trem.

O motivo daquela movimentação, em novembro de 1926, era a vinda de um "novo e ilustre prefeito". Para recepcioná-lo solicitava-se a presença da comunidade em geral (em especial, das "senhoras e senhorinhas") e das duas bandas de música locais.

Tratava-se do Dr. João Augusto Massena, indicado pelo Presidente do Estado, Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, para ser o prefeito de Araxá.

Sua escolha foi justificada por ser ele uma pessoa de "destaque social e intelectual" que "transformaria" a cidade. Assim dizia o *Jornal de Araxá*, ao divulgar a prioridade do governo municipal: "aproveitamento e beneficiamento das fontes de águas minerais do Barreiro".

Acreditava a imprensa que Araxá inaugurava uma nova fase. Aquele deveria ser "um momento de ação em conjunto pela cidade, pelas fontes e pelos distritos que pareciam necessitar de uma proteção especial".

O aparente otimismo reinante, provavelmente, nascia da conquista de um antigo desejo - a instalação da estrada de ferro facilitando o acesso à cidade - e da divulgação de resultados obtidos com os estudos sobre as propriedades das águas. Um outro fator contribuía para o clima de entusiasmo: o povo esperava que, com o novo prefeito, suas reivindicações chegassem ao

Palácio da Liberdade, já que ele e o Presidente do Estado desfrutavam de amizade pessoal.

### BIOGRAFIA

João Massena era natural de Barbacena (MG), mas se revelou profissionalmente em Juiz de Fora. Foi professor da Escola Normal e trabalhou ao lado do, também professor, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

Formado em farmácia pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro, lecionou Farmacologia, Francês, Química e História Natural no Instituto Granbery, de Juiz de Fora. No mesmo Instituto exerceu as funções de reitor.

Trabalhou como tradutor de inglês e foi jornalista atuante em vários jornais juiz-foranos. Como intelectual tornou-se membro da Academia Mineira de Letras.

Quando foi indicado para o cargo de prefeito municipal, licenciou-se da função que exercia no momento, a de professor da Escola de Engenharia de Juiz de Fora.

### CHEGADA TRIUNFAL

Ao chegar a Araxá para ocupar o mais alto cargo público, o prefeito não conhecia a cidade nem as necessidades que a afligiam.

Assim determinava a prática política da época, o que não impedia que o escolhido fosse recepcionado de forma triunfal, como aconteceu com João Massena.

Ele chegou acompanhado da mulher, Maria Massena, e do amigo e ex-aluno, Luiz Correa. Em cortejo dirigiu-se ao Hotel Bella Vista, na Rua Boa Vista, onde desceu de uma "luxuosa Buick". Segundo noticiou a imprensa, a rua parecia estar ainda mais iluminada com os "clarões dos faróis". Esperavam pela comitiva os representantes dos partidos locais e a Banda Santa Cecília, dentre outros convidados.

Houve, no mesmo hotel, uma homenagem com foguetório, discurso pronunciado por Dr. Almeida Machado e, em seguida, jantar à francesa.

No discurso, mais uma vez foi manifestada a esperança que se depositava na nova administração do município e no apoio que Araxá teria junto ao governo estadual.

O *Jornal de Araxá*, de tendência ferreirista, logo nos primeiros dias do novo mandato noticiava os caminhos que o prefeito percorria pela cidade e redondeza.

Oportunamente publicaremos informações sobre sua atuação como administrador do município.

Fonte:

Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.



Fotografia tirada durante a visita do então presidente do Estado, Dr. Antônio Carlos. Da esquerda para a direita, podem ser vistos: Dr. Mário Magalhães, Severino Costa, Francisco Cavallini, Dr. Pedro Pezzuti, Dr. Antônio Carlos, Hildebrando Pontes, Solon Santos, Prefeito João Massena, José Adolpho de Aguiar, Dr. Hugo Levy, João Jacques Montandon. 1928. SPH/FCCB/AF/00683. (Doação de Iveta Santos).

# A EPOPÉIA DA MATRIZ



A antiga Avenida d'Abadia antes de ser remodelada. Ao fundo, a nova Matriz em construção. À esquerda, residências e casas comerciais que já não existem mais. O carro de bois transportando mercadorias, as crianças e os adultos compunham o cenário de uma rua larga, ainda sem calçamento e sem arborização. Década de 20. SPH/FCCB/AF/00467C

**D**urante quase toda a primeira metade do século XX, entre 1911 e 1948, Araxá assistiu a uma verdadeira epopéia: o planejamento e a construção da Igreja Matriz de São Domingos.

Aconteceu uma série de atitudes heróicas, desde o início do empreendimento, com o vigário Pe. André Aguirre. Nesse longo tempo estiveram envolvidos a igreja, o poder público e a comunidade católica em geral.

A atuação dos vigários, nos trinta e sete anos de duração da obra, esteve voltada para o objetivo de dotar a cidade de uma igreja ampla, com características arquitetônicas e elementos decorativos mais elaborados.

Até 1930, aproximadamente, os projetos de remodelação das cidades incluíam o fim de construções antigas, de estilo colonial, consideradas vestígios de um passado monárquico que deveria ser eliminado. Assim aconteceu em todas as cidades brasileiras de maior ou menor porte ( *Ver O Trem da História* n° 26 )

## A NOVA MATRIZ

A nova Matriz que ocupou o espaço da antiga Igreja d'Abadia, então demolida, absorveu o material que pudesse ser reaproveitado, não só o dela como também o de mais quatro

igrejas: a velha Matriz de São Domingos, a de Santa Rita, a da Conceição e a do Rosário (mais tarde reconstruída no mesmo lugar). Todas elas, com seus terrenos adjacentes, pertenciam à igreja e atingiam considerável parte da área central da cidade.

A administração municipal, ao implantar a tendência de "modernização" do espaço público, comum na época, via-se na pendência da desapropriação do patrimônio religioso.

A necessidade de abertura de ruas e avenidas, com a criação de praças e jardins por um lado, e a construção da nova Matriz por outro, equilibravam a relação de forças e definiam, lentamente, o entendimento entre as partes. As negociações prolongaram-se até a década de 30, quando se decidiu, finalmente, após avanços e retrocessos, pela demolição da antiga Matriz.

## RECURSOS FINANCEIROS

Os recursos financeiros conseguidos inicialmente, não foram suficientes para a conclusão das obras. Nas décadas seguintes, novos terrenos pertencentes à Igreja foram negociados para o mesmo fim.

Para angariar fundos, a população empenhou-se na realização de campanhas, lideradas por

comissões especiais. A primeira delas foi organizada em 1917 e a segunda, em 1943, recorreu aos católicos dizendo ser aquele o último apelo. Entre uma campanha e outra, muitas foram as doações recebidas espontaneamente.

## METODOLOGIA

Este estudo sobre a história da atual Matriz de São Domingos aconteceu no primeiro semestre de 1998.

Desde então, a pesquisa vem respaldando a iniciativa do vigário, Pe. José Perfeito, que tenta executar a restauração das suas pinturas murais, vitrais e elementos decorativos, de acordo com o projeto elaborado pela *Oficina de Arte Aplicada*.

Assim, essa pesquisa procurou estabelecer uma diretriz que valorizasse o patrimônio cultural e religioso como um todo e, ao mesmo tempo, reafirmasse a importância de preservá-lo.

Mesmo que seja difícil desvincular a história da Igreja da atuação dos seus vigários, não se reconstituiu a história pessoal de cada um deles. Contudo, uma certa linearidade de tempo foi respeitada.

Assim como a edição anterior de *O Trem da História* divulgou a biografia de Pe. André

Aguirre, oportunamente, outras poderão focalizar os demais.

No momento, nosso objetivo é reconstituir a história da Matriz, vivenciar a luta dos vigários e o trabalho dos paroquianos do passado na sua imensa demonstração de fé. Conhecer essa história é também identificar valores, mentalidades e crenças do passado e fazer uma releitura.

Entender a história dessa forma é, também, um meio de preservá-la.

## O INÍCIO

Sob a liderança de Pe. André Aguirre (1911-1926), foi lançada a idéia de construção da Matriz e alguns dos recursos financeiros iniciais foram viabilizados.

Colocada a pedra fundamental para o seu alicerce, em 1917, as obras foram iniciadas, depois paralisadas temporariamente e retomadas em 1924. (Ver *O Trem da História* nº 26)

Pe. André deixou Araxá com a construção apenas iniciada. Antes, porém, o bispo Dom Lustosa ao visitar a Paróquia de São Domingos, em 1925, registrou sua impressão quanto às igrejas da cidade. Para ele, a antiga Matriz (em penoso estado) necessitava de providências quanto a sua conservação e segurança, se não houvesse perspectiva de inaugurar-se a nova.

O bispo referia-se não só às dependências físicas, mas também àquelas que julgava colocarem em risco o exercício das funções religiosas, como as condições de guarda do Santíssimo e da Pia Batismal.

No espaço de tempo entre a saída de Pe. André e a chegada dos salesianos, a paróquia esteve, provisoriamente, sob a responsabilidade do cônego Pedro Pezzuti. Com o vigário titular, Pe. Vicente Maria Priante, observou-se, mais uma vez, um lamento em relação ao "deplorável estado" de conservação da Matriz. Com o seu coadjutor, Pe. José Piaseck, e o sacristão, Raphael Liberty, foi realizado um levantamento do acervo religioso que hoje é referência para a pesquisa histórica.

O mesmo levantamento registrou o mobiliário então existente, paramentos e alfaias e as imagens (onze ao todo), dentre as quais, duas do santo padroeiro, São Domingos.

Em 1927, passados dez anos do início da sua construção, a "Igreja de Pe. André" estava apenas coberta, enquanto a antiga deteriorava-se dia-a-dia.

## INAUGURAÇÃO PROVISÓRIA

A necessidade premente de resolver a questão levou à "inauguração provisória da Matriz", ainda inacabada. Um panfleto



*A antiga Igreja Matriz de São Domingos. Construção datada, provavelmente, do final do século XVIII. Foi demolida em 1930 durante o processo de remodelação da paisagem urbana. 1927. SPH/FCCB/AF/00394 (doação de José de Pinho)*

espalhado pela cidade, em novembro daquele ano, convidava a população para as solenidades que começaram com a chegada do bispo Dom Lustosa, recebido pelas associações religiosas e pela "Banda Santa Cecília", na Estação Ferroviária.

Houve uma procissão conduzindo as imagens da velha para a nova Matriz. Algumas pessoas que presenciaram essa cerimônia, vêm prestando seus depoimentos, orais ou escritos, reconstituindo o momento solene que teve a participação da Banda Lira Araxaense.

O marco inaugural aconteceu no dia 27 de novembro de 1927, quando o bispo e o vigário rezaram, respectivamente, a primeira e a segunda missa. No mesmo dia, a primeira crisma celebrada pelo bispo, um canto das ladainhas e uma bênção com o Santíssimo Sacramento, encerraram as festividades religiosas.

Desde essa data, a antiga Matriz foi abandonada e seu terreno esteve disponível para a pretendida remodelação da cidade.

## EXIGÊNCIAS

A essa altura, a demolição autorizada pelo bispo e o repasse do terreno à prefeitura vinculou-se à exigência da Igreja: a negociação seria efetivada desde que o prefeito obtivesse a escritura de posse do antigo prédio do Grupo Escolar Delfim Moreira, em favor do Colégio São Domingos, conforme promessa de doação feita pelo Estado.

Muitas questões envolveram as partes interessadas e um acordo foi firmado em 1930, quando, então, demoliram a velha Matriz.

Os registros paroquiais indicam que uma grande cruz de ferro, executada por "Pereira de Rezende", teria sido transportada para a

nova igreja, como lembrança. Mas o levantamento feito pelo Pe. Vicente Priante não confirma a existência dessa cruz.

Quando o pároco Pe. Atílio Cosci chegou para substituir Pe. Priante, em janeiro de 1928, as obras da igreja continuavam paralisadas. Um ano depois, o vigário prosseguiu a construção com recursos originados do arrendamento de dois terrenos paroquiais à Congregação Salesiana. Esse arrendamento fazia parte do projeto de criação do Colégio Dom Bosco.

Em 1930, chegou a Araxá o Pe. Antônio Marcigaglia, nomeado diretor dos salesianos e sucessor de Pe. Atílio. Foi empossado como vigário em 01 de março daquele ano. Pe. Marcigaglia escrevia, dois meses depois, que os trabalhos da Matriz continuavam com regularidade. Não deixou de registrar, contudo, sua admiração pela inexistência de um projeto de construção e até mesmo de técnicos para orientá-la.

## OBRAS

Nesse sentido, contou com a colaboração de um profissional, Dr. Isidro Marcigaglia, que coordenou as obras não sem antes contestar a forma como teria sido feito o forro. Na opinião dele, não somente apresentava-se "monótono", como também já ameaçava ruir. O mesmo engenheiro fez outras observações: a ausência do 4º arco do cruzeiro central, a instalação de altares desintegrados entre si e o arco do forro que caracterizou como "fora do estilo". Alegou, ainda a necessidade de introduzir "correntes" que sustentassem as paredes das naves laterais. Após essa análise técnica, uma reunião do Conselho Paroquial decidiu aproveitar o trabalho voluntário do engenheiro civil, Emmanuel Gianni, para a continuidade da obra. Era um profissional com atuação



profícua na área, conforme atestam vários projetos de construções assinados por ele. Pe. Marcigaglia demonstrou durante toda a sua gestão como vigário, firmeza para imprimir uma administração técnica. Nesse momento foi identificada certa deficiência em relação à condição da obra, no entanto a própria construção, que se estenderia por longos anos, receberia, ainda, julgamentos bastante críticos dos vigários subsequentes, até o seu término.

### PROSSEGUIMENTO

Com o engenheiro Gianni supervisionando os trabalhos, Pe. Marcigaglia demonstrava sua preocupação não somente encomendando-lhe projetos, mas também, procurando aprovação prévia do bispo, dos engenheiros da prefeitura e do próprio prefeito.

O projeto da torre, construída após a nave central e suas laterais, e outros que o engenheiro Gianni elaborou e executou, foram registrados pelo vigário como sinônimo de "habilidade, competência e desinteresse pessoal".

A "planta Gianni", assim denominado o seu estudo para a conclusão da igreja, exigia dentre outras, mais um arco para compor o cruzeiro.

Após a construção da torre, iniciou-se a da escadaria, em 1933 e, mais tarde, a da sacristia e da capela do Santíssimo.

Para a escadaria a paróquia contou com a

colaboração da Prefeitura e também do casal Thiers Botelho e Sílvia Magalhães Botelho que fez uma doação de 5 contos de réis.

A fase da construção gerida pelo vigário Pe. Marcigaglia estendeu-se até fevereiro de 1936, quando ele deixou a paróquia. Foi ele responsável pela implantação do Colégio Dom Bosco em 1931.

No fim do seu período, conforme determinava a regra, deixou um relato das suas atividades em que reafirmou constante preocupação com o rigor técnico da construção.

Em 23 de fevereiro de 1936, tomaram posse o vigário Pe. Emílio Carlos Philippini e o seu coadjutor, Pe. José Tavares Baeta Neves. Permaneceram na paróquia, Pe. José Piaseck e Pe. Ignácio Teixeira de Carvalho.

### PROVIDÊNCIAS

Ao final daquele ano, a retomada da obra rendeu uma série de providências como a recuperação do telhado, a execução da capela de Nossa Senhora d'Abadia, (à direita de quem entra na igreja) e o conserto e colocação do trono de mármore do altar-mor.

Para essas realizações Pe. Philippini fez questão de registrar que contou com donativos vindos da arrecadação da Festa de São José, dos cartões distribuídos em benefício da Matriz e, finalmente, da doação do casal José Adolpho de Aguiar.

Depois de um ano, o vigário foi designado para deixar Araxá. Em seu lugar tomou posse

o coadjutor, Pe. Baeta Neves.

A igreja sofria os efeitos da alternância de vigários e da inexistência de recursos financeiros para concluí-la.

Em 1940, 23 anos após o início da sua construção, o bispo da Diocese de Uberaba, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, assim como os seus antecessores, visitava a paróquia e deixava suas observações registradas. No Termo de Visitas teceu elogios ao zelo para com o acervo religioso, ressaltou as dimensões amplas da igreja e a sua beleza estética, porém, lembrou aos paroquianos, o dever de terminá-la.

### PE. PHILIPPINI

Mas as obras só seriam impulsionadas, novamente, com o retorno do vigário Pe. Philippini, reempossado em março de 1941. O ritmo dado às obras, a partir desse momento, acelerou-se com a participação da comunidade católica e com o envolvimento pessoal do vigário. Existem referências de que Pe. Philippini teria empregado na construção a herança recebida por ele após a morte de sua mãe.

Da mesma forma, há evidência de muitas doações feitas no período: algumas registradas nos espaços interiores da igreja ou em objetos, outras transformadas em alicerce, paredes e colunas.

As principais realizações desse período foram o revestimento e a pintura no interior e na fachada; a construção das escadarias



Vista do interior da Matriz durante cerimônia do Primeiro Pontifical de Dom José Gaspar quando nomeado Bispo de Barca. A igreja, inacabada, apresentava tijolos aparentes e paredes da capela-mor sem pinturas murais. 1935. SPII/FCCB/AF/00466 (doação da família Affonseca e Silva)



Avenida d'Abadia, hoje Avenida Antônio Carlos. O Jardim das Rosas e o coreto indicavam a tentativa de "modernização" da cidade. 1930/1940 SPH/FCCB/AF/00045 (doação de Leonilda Montandon Scarpellini)

laterais com a colocação das respectivas portas e dos pára-ventos; o deslocamento de um altar da nave direita para o batistério; a conclusão da capela de São José (lado esquerdo da capela-mor de quem entra na igreja) e a aquisição de paramentos e alfaias. Data de 1941, a criação do Boletim Paroquial que, daí por diante, atuaria como veículo de informação das atividades religiosas e das obras.

Pe. Philippini empenhou-se, para isso, na administração do patrimônio da Igreja. Muitos terrenos que se encontravam em situação ilegal ou ocupados indevidamente, foram vendidos com a autorização da Diocese. Os frutos dessas vendas foram destinados à conclusão da Matriz.

### DOAÇÕES

Em outubro de 1942, a capela do batistério e a gruta de Nossa Senhora de Lourdes receberam as bênçãos do vigário e, a partir dessa data, estiveram à disposição dos fiéis. Conforme consta no arquivo eclesiástico, Hipólita Lemos doou a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, e os dois anjos em torno do altar da capela do batistério, são doações de Anna Cândida de Ávila e Clarice Lemos. Por Alice Gianni, filha de Emmanuel Gianni, foi doada na mesma época, a imagem de São João.

Em 1942 concluiu-se a composição do altar que simboliza o Calvário e foram adquiridas as imagens de Nossa Senhora d'Abadia e a de Santo Antônio.

Os registros indicam que houve novos

investimentos em paramentos, alfaias e na construção da sala de reuniões. Foram feitos reparos no assoalho da torre e na escada de acesso a ela.

No primeiro dia de 1943, no mês de seu padroeiro, a Irmandade de São Sebastião doou, em favor da Matriz de São Domingos, bancos para assento, no valor de 1:400\$000. Restabeleceu, provavelmente, com a paróquia, uma relação estremecida desde os tempos de Pe. André. Naquele momento, pretendeu-se demolir a Igreja de São Sebastião para empregar o seu material na construção da nova igreja, atitude contestada pelos membros da Irmandade.

O vigário considerava, em abril de 1943, que os serviços então realizados "consolidavam" a Matriz. Outros foram iniciados como a calçada de cimento em torno do templo, a resolução do problema que alagava a torre por ocasião das chuvas e a colocação de uma porta de cristal para proteger a imagem de N. Sra. d'Abadia (ainda hoje, intactas).

No mesmo período foram construídas a abóboda e a mesa da capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição e, também, o grande arco do cruzeiro. Foram instalados os vitrais nas janelas das torres e reformados outros altares. Até mesmo outras capelas da cidade receberam melhoramentos.

### BOLETIM PAROQUIAL

Edições do *Boletim Paroquial* daquele ano revelavam que a fase de acabamento vivida pela Matriz havia sido viabilizada por meio de um empréstimo de Cr\$100.000,00.

Informava que para quitá-lo era necessário o auxílio dos católicos e lembrava que "a esmola resgata muitos pecados".

A edição de janeiro/fevereiro alertava para o fato de aquela construção estar comemorando 25 anos desde o assentamento da primeira pedra. Considerava o estado da Matriz "uma vergonha" para o povo católico da cidade, em prejuízo da imagem proporcionada aos "touristas".

A um ano da inauguração do Grande Hotel/Termas é compreensível, naquele momento, a alusão aos visitantes como um argumento fomentador de doações.

Sugeria-se ainda a satisfação em comemorar as festas natalinas na igreja concluída e conclamava:

*"... Católicos, que possuis riquezas e que Deus vol-as deu - empregae parte dessas riquezas para o acabamento da casa de Deus, da vossa casa de oração do monumento melhor e maior de vossa cidade!"*  
(Boletim Paroquial, n.ºs 14, 15, 1943)

### CAMPANHA

O Boletim divulgava as ofertas, anônimas ou não, como por exemplo, a mesa da capela do Sagrado Coração de Jesus, em mármore de Carrara, doada pela Associação do Apostolado da Oração. Citava os beneméritos daqui e de fora e apresentava a relação de despesas.

A "Campanha Pró Obras da Matriz", liderada por uma comissão central, lançava, em dezembro de 43, seu apelo ao povo de Araxá para "mais um pequeno esforço e estará

terminada a Nossa Igreja Matriz".

Com o objetivo de despertar os fiéis, a comissão foi formada por: Maria José de Magalhães, Maria de Lourdes Santos, Zulmira de Moura Barreto, Maricota Fidélis, Geraldina Nascimento, Marta Porfírio Ferreira, Irene Santos, Dionília Lemos, Heloísa Vale, Luzia de Souza; João Senna, João Geraldo e Enéas Santos (pela Associação Comercial de Araxá), Omar Dumont, César de Castro Alves e Geraldo Lemos (pelo Sindicato Pastoral e Agrícola de Araxá).

Dentre as promoções dessa campanha, organizou-se uma quermesse, na Rua Boa Vista, oferecendo jogos, prendas e até um leilão de bezerras zebu, doados pelos "homens de fortuna", como diz um panfleto da época.

Apesar dos esforços e da cooperação da comunidade, a Matriz não foi concluída para o Natal de 1943 como se pretendia. As suas obras prosseguiram nos anos seguintes.

A fase de acabamento interno obrigou a transferência das funções religiosas, por dois meses, para a Igreja São Sebastião.

Concluída a igreja, internamente, em julho de 1945, Pe. Philippini escreveu:

"... Ficaram concluídos os trabalhos internos da Matriz. Graças a Deus! A Matriz interiormente está acabada, e ficou bem bonita. Também ficou acabada a nova escada de concreto, que dá acesso para o Coro. Os bancos da matriz também são todos eles novos."

#### DEO GRATIAS

Um mês depois, ao registrar o início do "revestimento externo da igreja e outros serviços", Pe. Philippini novamente escreveu: "Deo Gratias". Essa etapa prolongou-se por mais um ano e, em agosto de 1946, começou a decoração em pintura, da capela-mor. O trabalho foi executado por Alberto Paulovich, identificado na documentação pesquisada como o "célebre pintor paulista". Fotografias recentes do alto da capela-mor registram, "in loco", a assinatura do artista e confirmam a nossa pesquisa.

Enquanto decoravam-se artisticamente as paredes da capela-mor (concluída em novembro de 46), dava-se a bênção ao novo púlpito de mármore, com as imagens dos quatro evangelistas e do Bom Pastor, executado na marmoraria artística de Octaviano Papaiz, em Campinas.

Ao encerrar as suas atividades, no último dia do ano de 1946, Pe. Philippini anotou que "... a reforma e o acabamento da Matriz estão se aproximando do seu término. Deo Gratias."

A cruz da torre da igreja foi iluminada pela primeira vez, em 1947, mas o último "Deo Gratias"

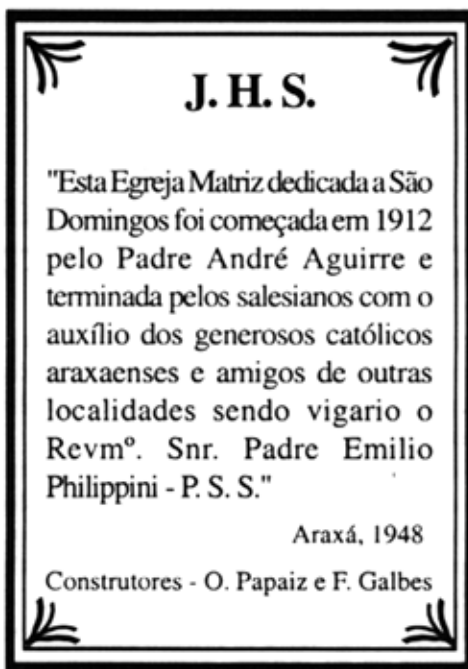
registrado pelo vigário, nos arquivos, aconteceu em 24 de agosto de 1948.

Pe. Philippini disse:

"*Terminam-se por completo todos os trabalhos de consolidação, revestimento interno e externo, forro e piso da Matriz, a escadaria, as dependências, a sacristia, a torre, a grade em redor da igreja, e jardim; numa palavra, está prompta, acabada a obra, que me propuz a fazer. Deo Gratias. Gastou-se Cr\$1.483.794,00...*"

No mesmo documento, o vigário enumerou as despesas que abrangiam a pintura da capela-mor, imagens, vitrais, alfaías, paramentos e tantas outras mais.

A placa de inauguração foi, finalmente, afixada na entrada:



#### RECOMPOSIÇÃO DO ACERVO

Um incidente provocado por um cidadão, deficiente mental, aniquilou todas as imagens, vasos e castiçais do altar-mor e dos altares do Sagrado Coração de Jesus e de São José.

A destruição das imagens sagradas mobilizou novamente a população por meio de manifestações de pesar e de um movimento para recompor o acervo religioso.

As imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e a de São Judas Tadeu foram restauradas, graças ao Apostolado da Oração e a um grupo de pessoas.

Novas doações foram realizadas por membros das famílias Aguiar, Dumont, Santos, Sena, Lemos, Rodrigues Valle e Valle Corrêa, cujos nomes estão escritos como beneméritos.

Tudo indica que a imagem de São Domingos tenha sido restaurada após o incidente, no entanto, não foi possível constatar a autoria da sua restauração, assim como das demais. Alguns dos últimos registros escritos por Pe.

Philippini, ao lado do relatório de obras, foram o da morte de Francisco dos Santos (cujo nome consta como doador do altar de São José) e o da chegada à paróquia de Pe. Henrique Ribeiro de Brito.

Pe. Henrique aqui chegou, na véspera do Natal de 1949. O vigário escreveu: "...neossacerdote salesiano, filho desta terra, vem cantar sua primeira missa." Vivendo em Araxá, depois de anos de ausência, é ele quem exerce, atualmente, a função e a arte de tocar os sinos da Matriz.

#### PARTIDA

Menos de dois anos passados do incidente, Pe. Philippini ausentou-se da paróquia para um retiro espiritual. Mas a sua partida de Araxá já estava definida.

De volta do retiro foi oferecido a ele um jantar de despedida no Colégio Dom Bosco. A cerimônia constou, ainda, de discursos pronunciados por Dr. José Maria Santos, Pe. João Botelho, Pe. Pedro Pinto (vigário que o sucedeu) e finalmente, agradecendo, o mesmo Pe. Philippini.

Pe. Emílio Carlos Philippini está gravado na memória dos católicos de Araxá como o vigário enérgico e determinado que levou até o fim o propósito de entregar à cidade a sua Matriz.

O convívio de vários anos com os paroquianos fortaleceu as relações de amizade mútua. Ele deixou Araxá, em 19 de janeiro de 1950, com destino a São Paulo, em companhia do então prefeito, José Adolpho de Aguiar.

O sucessor, Pe. Pedro Pinto, definiu sua entrada na Paróquia de São Domingos como sendo "timidamente", ciente da difícil missão de substituir um colega que "exerceu brilhantemente o cargo durante o longo tempo de 9 anos deixando uma folha luminosa de trabalhos, empreendimentos e benemerência."

Pe. Philippini retornou em 1951 e dirigiu a paróquia, novamente, até 1963, quando faleceu. Foi enterrado na Matriz, na capela de Nossa Senhora d'Abadia.

Fontes:

Arquivo da Igreja Matriz de São Domingos  
Arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto

Depoimentos:

Pe. José Perfeito (Pároco)  
Domingos Santos

Agradecimentos:

Pe. José Perfeito - Pároco  
Marilene Aparecida Riquete  
Silvana de Cássia Silva Valeriano  
Regina de Fátima Roque (funcionárias da Igreja)

Referência Bibliográfica:

TEIXEIRA, Maria Santos. O Rouxinol. Araxá, Editora e Gráfica Santa Adélia, 1991.



# PESQUISAS EM ANDAMENTO... E RESULTADOS

## Estância Hidromineral do Barreiro

**E**studos bem recentes trazem à luz novos dados sobre a implantação do Complexo Turístico do Barreiro, nas décadas de 1930 e 1940. A reação do araxaense, na época da inauguração, foi reconstituída por Dr. Paulo de Tarso Santos em depoimento concedido à Fundação Cultural Calmon Barreto, em outubro p.p. A sua impressão, no calor dos acontecimentos, já havia sido publicada em "A Lógica do Compadre", livro de sua autoria. Assim como hoje, a construção do Grande Hotel/Termas foi cercada de tapumes por todos os lados. Concluídas as obras, segundo ele, e retirados os muros que impediam a visão, Araxá assistiu ao grande espetáculo.

A população sofreu um impacto diante da monumentalidade do complexo turístico concebido pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, via governo de Minas Gerais.

De fato, essa era uma das diretrizes básicas definidas pelo governo Vargas: promover uma política de fortalecimento do Estado diante dos seus cidadãos.

Com as obras do Barreiro, a proposta de interiorização e de busca de alternativas econômicas para o país beneficia não só Araxá, mas também toda a região.

O acesso à cidade exige construção, conservação e reparos de estradas e pontes que liguem o Barreiro às principais cidades brasileiras. As ações dos governos federal, estadual e municipal são voltadas para o complexo turístico que aqui se instala.

Observa-se, desde 1935 principalmente, forte entrosamento entre o prefeito Fausto Alvim e o governador Benedito Valadares com seus assessores. Em todas as obras do período, equipamentos do Estado ou do Município, assim como profissionais, são designados para alcançar um mesmo fim: a conclusão do projeto de



*O prefeito Fausto Alvim visita as obras de construção da ponte sobre o Rio Tamanduá, na Rodovia Valadares - Araxá/Catiara. A intensa integração entre os poderes municipal e estadual permitiu a abertura de acessos graças à política do Governo Vargas. 1939. Fotografia de Octávio Fonseca. SPH/FCCB/AF/00114*

melhoramento da Estância. Para isso, são convidados os melhores especialistas do país. Vejam a reconstituição de alguns destes momentos:

Ao final de 1936, realizam-se os estudos para a construção do campo de aviação do Barreiro (o antigo é usado provisoriamente). A falta de recursos financeiros foi alegada como motivo para o ritmo lento das trabalhos.

Em 1937, Agostinho Carlos Catella, engenheiro do Estado, já realiza serviços no campo de aviação e na terraplenagem da "Avenida Barreiro". De Araxá, o engenheiro parte para examinar obras em Patos de Minas, Patrocínio, Monte Carmelo, Carmo do Paranaíba e Bambuí. Como se vê, nesse momento, Araxá ocupa posição privilegiada e muitas outras cidades próximas, além das citadas, são favorecidas com a política de interiorização.

De Araxá, o Secretário da Agricultura - Israel Pinheiro - solicita no início de 1938, via Estado, o

empréstimo de compressores para a construção. Viriam de cidades como João Monlevade e Juiz de Fora. A limitação de recursos, na época, não impede de demonstrar a absoluta prioridade do governo em relação ao Barreiro.

Em março de 1938, Vitório Marçolla (proprietário da Perfumaria Marçolla, de Belo Horizonte) se encontra em Araxá para fazer "reportagem cinematográfica" sobre a construção. Marçolla adquirira, em Araxá, uma fábrica de sabonetes medicinais. De lá o empresário divulgou o seu produto por meio das "Três Mulheres do Sabonete Araxá", celebrizadas por Manuel Bandeira (*Ver O Trem da História nº 23*).

O engenheiro Andrade Júnior, em abril de 1938, considera a pista do campo de aviação (840m por 80m) já adequada à aterrisagem. Solicita, porém, a vinda de técnico da aviação civil ou militar para examinar as suas condições.

Esta edição contou com o patrocínio cultural das empresas:

A aterrissagem de aviões no Barreiro é registrada pelo arquiteto Luiz Signorelli, ao comunicar à Secretaria de Viação e Obras do Estado que, em 13 de julho de 1938, no campo de aviação pousou "possante avião de São Paulo com toda segurança". Em dezembro do mesmo ano aterrissa, em "ótimas condições", um avião da Panair.

No mesmo período (dezembro de 1938), o prefeito de Araxá - Fausto Alvim - trata com o governo estadual da negociação do prédio do Clube Brasil pertencente ao Estado. O produto da venda seria investido na construção da estrada Araxá-Catiara.

Janeiro de 1939. As obras exigem imensa quantidade de cimento. Luiz Signorelli afirma que cada laje dos pilares do Balneário consome de dois a três vagões desse material.

Em 25 de setembro de 1939, Luiz Signorelli convida, formalmente, o Secretário de Viação e Obras, Dr. Odilon Pereira Dias, para assistir ao bater da primeira estaca Franki, no Grande Hotel. Considerando aquele ato um momento solene, espera contar, também, com a presença do governador. Oferece aos convidados a vantagem do vôo direto até o Barreiro com retorno previsto para o mesmo dia.

Em outubro de 1939, o arquiteto responsável pela construção comunica-se com o Secretário de Viação e Obras acerca das banheiras a serem instaladas. Elas são despachadas do Rio por J. Mello, casa especializada no ramo. Há referências de que algumas banheiras têm "esmalte reforçado para indigentes". Para banhos de lama, fala-se em

aproveitar as do "balneário velho".

Em algumas fases da construção é notada a inexistência de mão-de-obra disponível, como datilógrafo e desenhista especializado. Signorelli é obrigado a solicitar esses profissionais ao Estado alegando, em fevereiro de 1940, que o serviço de arquitetura sofria prejuízo devido à falta deles.

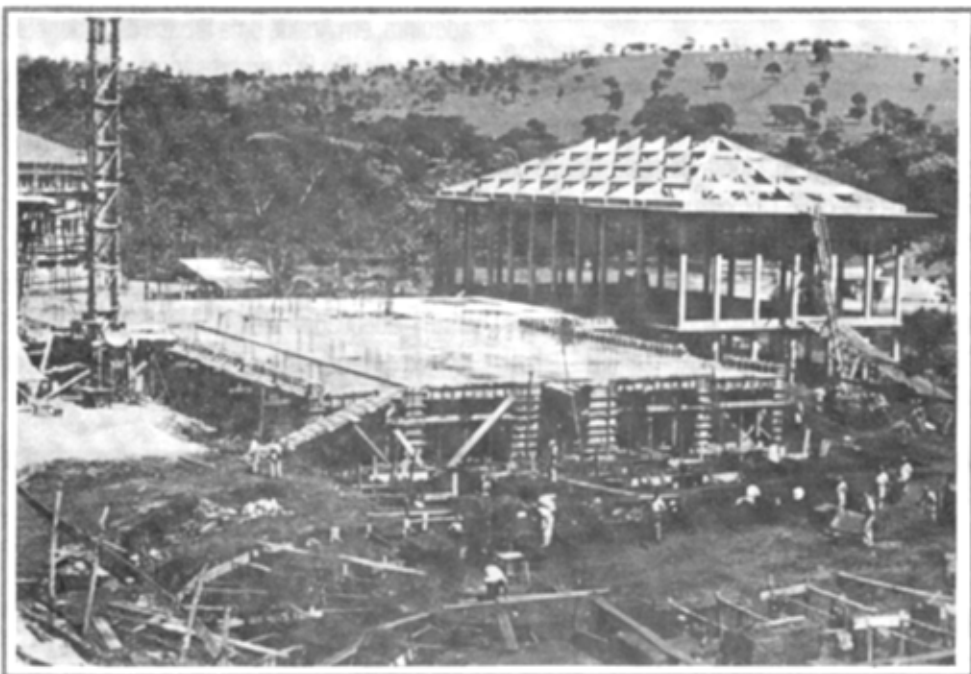
Da firma Dentz Otto do Rio de Janeiro, é contratado, em 1939, o mecânico Carlos Bauch para trabalhar na obra. Muitos operários, bombeiros e ladrilheiros são trazidos de Belo Horizonte, atendendo a pedidos do arquiteto responsável.

Signorelli solicita, desde 1938, também de Belo Horizonte, tambores de gasolina. Alega, que o combustível nem sempre é encontrado no comércio local. Outras vezes o arquiteto faz a mesma solicitação afirmando que a gasolina, em Araxá, é de alto custo.

Em 23 de abril de 1940, o prefeito Fausto Alvim comunica-se com a Secretaria de Estado de Viação e Obras. O assunto é a Usina Pai Joaquim. Recebe cumprimentos pela recepção que o município organizara para o Presidente da República e o Governador do Estado. Getúlio Vargas passara 15 dias em Araxá, inclusive o dia do seu aniversário, 19 de abril. (Ver *O Trem da História* nº 24).

Fonte:

Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto  
Arquivo Público Mineiro  
Depoimentos Diversos



A construção do Grande Hotel/Termas. Década de 40. SPH/FCCB/AF/00479C

## Cartas dos Leitores

✓ "Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1998

À Fundação Cultural Calmon Barreto  
Chegou a nosso conhecimento o Jornal O Trem da História. Gostaria, na medida do possível, saber da possibilidade de a Biblioteca Adilson Portugal Rachid, uma biblioteca particular, mas com acesso a alunos de universidades e colégios públicos, vir a constar na mala direta de tão honrada instituição. Outrossim, lendo o Trem da História percebemos que existem publicações e gostaríamos de poder contar com uma doação destas publicações. A Biblioteca Adilson Portugal Rachid sobrevive com aquisições de seu fomentador e de doações que sempre acontecem e são mais que bemvindas. Espero poder contar com alguma ajuda da Fundação Cultural Calmon Barreto. Da mesma forma nos colocamos à disposição no que for possível a nós.  
Atenciosamente,  
Adilson Portugal Rachid  
Biblioteca Adilson Portugal Rachid"

✓ \* "Uberlândia, 03 de novembro de 1998

Prezados Senhores,  
Com o Trem da História fazemos uma viagem ao tempo, embalados por textos ricos, de linguagem clara, simples e concisa. Com nossos agradecimentos pela remessa desse Boletim Informativo.  
Cordialmente.  
Terezinha Aparecida Magalhães de Lima  
Secretária Municipal de Cultura"

✓ \* "Uberaba, 03 de novembro de 1998

Prezada Lygia,  
É com grande satisfação que recebo, desde a sua criação, o boletim informativo "Trem da História".  
Gostaria de, mais uma vez, cumprimentar esta equipe que, com certeza, embarcou não apenas no "Trem da História", mas no "Trem da Humanidade e da Cultura".  
Atenciosamente,  
Rosana Pontes Prata Oliveira Santos  
Diretora Cultural"

✓ \* "São Paulo, 10 de novembro de 1998

Prezada Glaura,  
Por sua gentileza recebi os dois últimos números do "O Trem da História". O primeiro relatando a história da família Zema e o segundo retratando quase o todo do "Araxá". Cumprimento a você e demais dirigentes da Fundação Cultural Calmon Barreto, ressaltando que são coisas desse quilate que fazem, realmente, a história de um povo e de uma cidade!!!  
Receba, pois, a minha homenagem, extensiva a todos da Fundação.  
Continuem... Valeu!!!  
Cordialmente.  
Nelson Alves"